



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ANALICE MINÁ DE ARAÚJO
ISABELLE KELLEN SILVA MONTEIRO
MARÇAL TARGINO RODRIGUES PINTO GOMES PEREIRA

**REVISTA ACAUÃ:
Jornalismo à serviço da cidadania**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

ANALICE MINÁ DE ARAÚJO
ISABELLE KELLEN SILVA MONTEIRO
MARÇAL TARGINO RODRIGUES PINTO GOMES PEREIRA

REVISTA ACAUÃ: Jornalismo à serviço da cidadania

Relatório apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel(a) em Comunicação Social.

Orientador: Prof^a Me. Arão de Azevêdo Souza

CAMPINA GRANDE – PB
2011

A663r Araújo, Analice Miná de.
Revista Acauã: Jornalismo à serviço da cidadania. .
[manuscrito] / Analice Miná de Araújo, Isabelle Kellen Silva
Monteiro, Marçal Targino Rodrigues Pinto Gomes Pereira –
2011.
31.; il. Color.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) – Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.
“Orientação: Prof. Msc. Arão de Azevedo Sousa ,
Departamento de Comunicação Social”.

1. Revista Acauã. 2. Cidadania. 3. Jornalismo Impresso.
I. Título.

21. ed. CDD 070.17

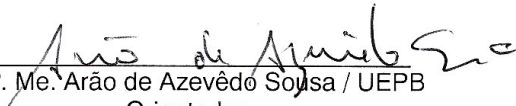
ANALICE MINÁ DE ARAÚJO
ISABELLE KELLEN SILVA MONTEIRO
MARÇAL TARGINO RODRIGUES PINTO GOMES PEREIRA


REVISTA ACAUÃ: JORNALISMO À SERVIÇO DA CIDADANIA

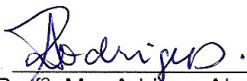
Relatório apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel(a) em Comunicação Social.

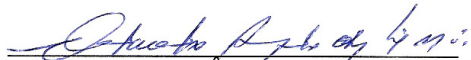
Aprovada em 22/09/2011.

Nota 10,0


Prof.º. Me. Arão de Azevêdo Sousa / UEPB
Orientador


Prof.º. Dr. Fernando Garcia de Oliveira / UFCG
Co-orientador


Prof.ª. Ma. Adriana Alves Rodrigues / UEPB
Examinadora


Prof.º. Me. Orlando Angelo da Silva / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulinho e Miná, responsáveis por formar a mais linda e louca família que conheço. Aos meus irmãos Paula, Alberto e Arthur, ótimos parceiros de vida e aos meus amigos que são como irmãos! Por todo o amor que recebo de vocês, em tentativa mínima de retribuição. Não poderia deixar de dedicar este trabalho às 900 famílias de Atingidos pela Barragem de Acauã, sem eles nosso trabalho não seria tão válido.

Analice Miná

Dedico este trabalho a minha filha, Mellina, que foi meu maior estímulo para terminar o curso. Esta conclusão foi adiada pelo seu nascimento, mas o que aprendi com cada gesto e olhar seu, me diplomou na mais importante das carreiras: a de MÃE. O amor que existe entre nós vale cada esforço. E hoje, tenho certeza que fiz as melhores escolhas para minha vida.

Isabelle Monteiro

À minha família, em especial aos meus pais, Frederico e Quênia. À minha noiva Carla, que esteve sempre comigo durante minha caminhada acadêmica. Aos meus amigos e colegas, exemplos de companheirismo, que me acrescentaram outros pontos de vista. Ao meu tio Jogérson Pinto, sempre dedicado e atencioso.

Marçal Targino

Agradeço à Deus que é a razão da minha vida, por Seu amor incondicional, por poder desfrutar de sua companhia e por tornar a minha vida cada dia melhor. À minha gigantesca família, os "Minás" e os "Medeiros de Araújo", onde encontro inúmeros exemplos de vida e inspirações, amor, humor e segurança. Aos mais velhos: avôs, avós, tios, tias e pais, obrigada pela educação e inúmeras lições que recebi ao longo desses 27 anos. Aos contemporâneos e mais novos: primos e primas, agradeço por serem tão especiais. Aos meus amigos, agradeço pela paciência que têm comigo, pelo amor que me devotam e pelo espaço que cedem à mim em suas vidas. Agradeço ao meu querido Professor Arão, que é um exemplo de profissional para mim, pelo seu incentivo e amizade. E a Marçal e Isabelle, conseguimos! Por último agradeço à MPC - Mocidade Para Cristo do Brasil, que viu o meu melhor e continua me aperfeiçoando nesse trabalho tão relevante à juventude brasileira.

Analice Miná

Agradeço a Deus, pela paz de espírito que me passou para a elaboração deste trabalho. A minha mãe, Kalina Lígia, por todo o apoio e pelas palavras de incentivo sempre que precisei. A minha avó Teresinha, por ter sido minha primeira educadora e por ter me ensinado o mais importante de todos os conhecimentos: a fé. Agradeço especialmente ao meu esposo, Magela, pelo apoio e compreensão nos momentos em que estive ausente e principalmente por todo o amor que me dedica, mesmo diante das adversidades. Por fim, agradeço a meus colegas de equipe, Analice e Marçal, pela amizade e pelos momentos que compartilhamos juntos na elaboração deste trabalho, e ao nosso orientador, Arão de Azevedo, por toda a atenção que nos deu sempre que precisávamos.

Isabelle Monteiro

À Jogérson Pinto pelo convite que me fez abraçar este tema tão importante. Às minhas amigas Analice e Isabelle, pelo voto de confiança, dedicação e parceria. À nosso orientador, Arão de Azevedo, não só pela orientação, mais por toda a paciência, empenho e incentivo. À nosso co-orientador, Fernando Garcia, que nos acompanhou durante os 6 meses de pesquisa.

Marçal Targino

RESUMO

Este trabalho relata a experiência da produção laboratorial da Revista Acauã, produto jornalístico criado para a divulgação da história das comunidades atingidas pela Barragem Argemiro de Figueiredo, mais conhecida como Barragem de Acauã, no Estado da Paraíba. Uma revista com 20 páginas, que procurou condensar a história e o envolvimento em Movimentos Sociais, dos atingidos pela Barragem de Acauã, em busca de documentar, num produto jornalístico mais acessível, uma história que merece ser contada e lembrada.

Palavras-chave: Revista Acauã, atingidos por barragens, cidadania

ABSTRACT

This paper reports the experience of the laboratorial production of Acauã Magazine, journalistic product created for the dissemination of the history of communities affected by dam Argemiro de Figueiredo, better known as Acauã Dam in the State of Paraíba. A 20-page magazine, which sought to condense the history and involvement in social movements, of those affected by dam Acauã, in search to document it in a journalistic product more accessible, a story that deserves to be told and remembered.

Key-words: Acauã Magazine, affected by dams, citizenship

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
3	OBJETIVOS.....	11
4	JUSTIFICATIVA.....	11
5	PÚBLICO ALVO.....	12
6	ORÇAMENTO PRELIMINAR.....	12
7	CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES.....	13
8	CAPÍTULO 1 – DETALHAMENTO TÉCNICO.....	14
8.1	DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	14
9	CONCEITOS BÁSICOS: SABERES TEÓRICOS USADOS PARA A ELABORAÇÃO DO PRODUTO.....	16
9.1	A REVISTA COMO UMA FERRAMENTA CIDADÃ.....	17
9.2	COMO ENTENDER O MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS.....	17
9.3	ATENÇÃO A CAUSA AMBIENTAL.....	18
10	ETAPAS DA CONFECÇÃO DO PRODUTO MIDIÁTICO.....	19
11	CAPÍTULO 2 – PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....	21
11.1	DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS: DO PLANEJAMENTO ÀS ESTRATÉGIAS LOGÍSTICAS.....	21
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	25
	APÊNDICES.....	26
	ANEXOS.....	31

1. Introdução

A sociedade paraibana presenciou em 2004 um verdadeiro estado de calamidade vivido por 900 famílias das comunidades ribeirinhas do Rio Paraíba, pertencentes aos municípios de Aroeiras, Natuba e Itatuba. A construção da Barragem Argemiro Figueiredo, mais conhecida como “Barragem de Acauã”, por ser uma região onde se verifica a presença da ave de mesmo nome, desconstruiu a vida de 5 mil pessoas, em nome do progresso.

O descaso com que os direitos daquelas 5 mil pessoas foi tratado pelas autoridades políticas incentivou a união dos atingidos pela barragem, que se organizaram e se uniram ao Movimento Nacional dos Atingidos por Barragem (MAB).

O apoio e as parcerias neste momento foram fundamentais para o avanço da luta. Especialmente, o apoio do Projeto Universidades Cidadãs (PUC), integrado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em 2006. O PUC é coordenado pelo Profº Dr. Fernando Garcia de Oliveira, do Departamento de Economia e Finanças do Centro de Humanidades da UFCG, que desde 2002 prestava assessoria aos Atingidos de Acauã, integrando a causa, posteriormente, ao projeto, que passou a coordenar.

Esse trabalho de assessoria reuniu, ao longo de quase dez anos, trabalhos acadêmicos e registro fotográfico das etapas da luta das comunidades atingidas. Através do contato com moradores das comunidades inundadas pela Barragem de Acauã, o PUC conseguiu reunir, também, fotografias daquelas comunidades, anteriores ao desastre, do acervo pessoal dos moradores.

Foi pensando em compilar todo este arquivo documental e fotográfico organizado pelo PUC, num produto que chegasse às mãos da comunidade civil organizada, saindo do meio acadêmico para integrar o meio jornalístico, que idealizou-se a Revista Acauã, como produto de um Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Para desenvolver este produto estudou-se os conceitos de COLLARO (2006), HORIE (2000), OLIVERIA (2003), PERUZZO (2007), SANTAELLA (2008), SOUSA (2007) e TRIGUEIRO (2006), além de relatórios técnicos oficiais e outros documentos.

2. Contextualização

O conhecimento da causa dos “atingidos de Acauã”, e do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) na Paraíba, se deu através da aproximação com o Projeto Universidades Cidadãs (PUC), desenvolvido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A partir deste conhecimento, surgiu a idéia de criar uma publicação que fosse um Trabalho de Conclusão de Curso e que pudesse auxiliar na divulgação da história e lutas das cerca de 900 famílias que foram atingidas pela Barragem de Acauã, no Semiárido paraibano.

Os movimentos sociais vêm ganhando força, não apenas no Brasil, mas mundialmente. O nível de organização, atualmente, beneficia essas entidades e seus associados, mudando a forma discriminatória que muitas vezes são vistos e ampliando seu espaço na mídia.

Diante disso, a reflexão sobre o papel do jornalismo como incentivador da cidadania, atentou a equipe para a produção de documento jornalístico histórico.

“Cidadania é um processo histórico que se desenvolve em conformidade com as configurações sociais (garantias legais, consciência política, consciência do direito a ter direito, poder de pressão, etc.) de cada lugar e época” (PERUZZO, 2007, p. 90)

A atitude solidária das universidades a um grupo de pessoas em situação de risco social, como é o caso dos atingidos de Acauã, propicia uma oxigenação do espaço acadêmico, porque tem consequências positivas nas atividades de ensino e de pesquisa, abrindo possibilidades de publicações e trabalhos acadêmicos, onde se incluem monografias de graduação, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Desta oxigenação, surge a Revista Acauã, fruto de seis meses de pesquisa documental, entrevistas com representantes dos Atingidos de Acauã e professores do PUC - Projeto Universidades Cidadãs. Com linguagem que buscou o entendimento único da informação e *layout limpo*, explanou-se um assunto que tem impactos negativos sobre milhares de famílias no Brasil, para o meio ambiente e gerador de um crescente processo de criminalização e de repressão.

3. Objetivos

Geral

- A produção da Revista Acauã teve como objetivo disseminar o debate dos movimentos sociais dos atingidos pela Barragem de Acauã, dando maior visibilidade aos fatos, a partir da exposição e discussão do tema.

Específicos

- A Revista Acauã buscou contribuir para o processo de formação acadêmica da equipe, através da atividade laboratorial e da pesquisa documental, fatores fundamentais no desenvolvimento de um produto jornalístico.
- Neste trabalho procurou-se também apurar como as comunidades viviam antes da Barragem e o que elas tinham de perspectivas de ações futuras.

4. Justificativa

Este trabalho teve como produto uma revista semestral de característica popular, que procurou ser um veículo acessível e fácil entendimento, facilitando a divulgação da história dos Atingidos pela Barragem de Acauã.

Percebe-se que na Paraíba, o Movimento dos Atingidos por Barragem é pouco conhecido, apesar de 20 anos de existência no Brasil e diversas representações em todos os Estados. O que falta é espaço na mídia para discutir as temáticas levantadas não só por este, mas todos os Movimentos Sociais.

Sabe-se da dificuldade de conquistar tal espaço na mídia, pelo fato desses movimentos não possuírem força apelativa como produto no mercado jornalístico, mas também sabe-se que o tema cidadania atrai diversos tipos de pessoas e causa um movimento independente de comunicação e interação com os atores sociais.

A partir da idéia de abrir espaço para este terceiro setor, surgiu a Revista Acauã, especializada sobre o tema do Movimento dos Atingidos por Barragem, fora do contexto de notícia factual, ou seja quando ocorrem as catástrofes. A Revista Acauã visa contar uma história, com fatos, faces e embasamento documental.

A importância de se fazer um produto como este é dar espaço a temática e especificamente no caso Acauã, reunir e divulgar fatos de uma história que permanece em construção, gerando um novo produto, com linguagem jornalística, para ser de fácil entendimento para a sociedade em geral.

5. Público-alvo

A Revista Acauã destina-se aos interessados por movimentos sociais e pelas questões ambientais que envolvem a luta dos atingidos por barragens.

6. Orçamento preliminar

Uma das metas deste trabalho é atender disseminar o debate dos movimentos sociais dos atingidos pela Barragem de Acauã, produzindo um material adequado para o público-alvo. Ao trocar a construção de um site por uma publicação impressa surgiu a necessidade de procurar meios para viabilizar sua impressão, através de parcerias. Do contrário, todo o trabalho de pesquisa e compilação de imagens e declarações seria guardado em mais um documento sem divulgação, tirando muito da representatividade do projeto.

Considerando o alto custo de impressão, de um produto no formato revista, em grande escala (anexo 1), a equipe buscou maneiras de tornar a primeira tiragem mais viável e, para isso, estabeleceu-se a tiragem inicial da revista, que seria de 500 exemplares. Mesmo assim, o apoio da Gráfica Universitária da UEPB se fez fundamental, pois não havendo espaço para patrocinadores, tendo em vista que a revista não é voltada para fins comerciais, o custeio do produto seria impossível.

8. CAPÍTULO 1 – DETALHAMENTO TÉCNICO

8.1. Descrição do Produto

A escolha pelo jornalismo de revista foi a partir da possibilidade de trabalhar com uma linha editorial especializada, somado à liberdade de diagramação, fatores importantes para atender o objetivo da Revista Acauã, e que facilitariam a aplicação e divulgação do material histórico e fotográfico dos arquivos do Projeto Universidades Cidadãs.

Levou-se em conta também, aplicar à representatividade da história dos atingidos de Acauã, numa publicação que carregasse um pouco da memória das comunidades atingidas, procurando divulgar o fechamento de um ciclo de conquistas e a abertura de novas perspectivas.

A mobilidade e a durabilidade oferecida pelo veículo de comunicação revista, apresentam-se como fatores importantes em sua autopromoção. Pensando nisso, procurou-se aplicar na Revista Acauã um *layout* que explanasse o seu conteúdo e destacasse a dimensão do assunto, com leveza, mas sem deixar de ser reivindicativa, num material que pudesse ser transportado e conservado mais facilmente.

Por não ter propósito comercial, na Revista Acauã não há espaço para propagandas. Sua periodicidade será semestral, definida pelo fato do conteúdo depender de fatores diversos, como o andamento de processos, ações políticas, novas conquistas e movimentações dos atingidos.

Nesta primeira edição, os principais fatos que fizeram a história e os novos passos do Movimento dos Atingidos por Barragem na Paraíba foram resgatados. Quase que cronologicamente as matérias foram distribuídas ao longo das 20 páginas:

- CAPA [APÊNDICE 1] - A fotografia utilizada para ilustrar a capa é o registro do que sobrou do cemitério da comunidade Pedro Velho (Aroeiras/PB) e foi escolhida para fazer referência à todas as tragédias que aconteceram na vida das pessoas atingidas. Na capa há ainda três chamadas para o conteúdo da revista.

- EDITORIAL [APÊNDICE 2] - O texto traz o olhar da equipe sobre a temática central da Revista. As causas de escolher falar sobre o drama vivido pelas comunidades atingidas por Acauã são justificadas e contextualizadas.
- BARRAGEM DE ACAUÃ [APÊNDICE 3] – A página “4” tem a função de introduzir e despertar o leitor para o assunto das páginas seguintes. Possui dados técnicos, que são dispostos em infográficos, para facilitar o entendimento. A página “5” descreve a vida antes da Barragem. Assim como o título, o conteúdo da página é muito objetivo. Imagem e texto se complementam e mostram o nível de organização e o tipo de vida das comunidades antes da construção do reservatório.
- DESCASO NA CONSTRUÇÃO [APÊNDICE 4] – Páginas de diagramação simples, traz citações importantes que conseguem mostrar de forma esclarecedora a "política" de desapropriação do governo e as indicações contrárias a construção da obra presentes em relatório da SUDEMA.
- APOIO E PARCERIAS [APÊNDICE 5] – Páginas destinadas a procurar esclarecer, inicialmente, as alianças com algumas instituições, relacionando-as com o momento difícil vivido pelos moradores. As ações promovidas e o papel de algumas instituições apresentam-se através de citação e fotografias.
- ESTADO DE CALAMIDADE [APÊNDICE 6] - É a parte da revista que apresenta, através de registros fotográficos, o drama vivido pelos moradores ribeirinhos no início do ano de 2004.
- PÁGINA DE FOTOGRAFIAS [APÊNDICE 7] - Mais fotografias sobre o drama das comunidades atingidas.
- A UNIÃO FAZ A FORÇA [APÊNDICE 8] - Matéria que reúne as principais manifestações organizadas pelos atingidos de Acauã.

- "AGROVILAS" [APÊNDICE 9] - Aborda o descaso do Estado com os moradores realocados. Apresenta, com o auxílio de imagens, o panorama atual das comunidades, com ênfase nas condições estruturais.
- A LUTA NÃO ACABOU [APÊNDICE 10] - Reitera a força dos atingidos e ressalta a importância das conquistas. Transmite de forma breve o desejo de continuação da busca pelos direitos não respeitados. Na página "19" está a CARTA DE PE. RÔMULO, um importante documento escrito pela principal liderança religiosa de Aroeiras-PB. Trata-se de um apelo que sintetiza a situação instável vivida pelas comunidades.
- CONTRACAPA [APÊNDICE 11] – Destinada a divulgação do selo da UEPB (45 anos), como agradecimento pelo apoio com a impressão.

9. Conceitos básicos: saberes teóricos usados na elaboração do produto

Uma revista para ser bem elaborada precisa que seus editores conheçam sua linha editorial e seu público-alvo. *"O sucesso de uma peça impressa é resultado de ousadia, mas sempre com conhecimento de causa, pois o profissionalismo não pode estar aliado à sorte"* (COLLARO, 2006, p.17).

Não adianta usar os mais sofisticados e desenvolvidos recursos gráficos se não se souber justificar a utilização dos objetos utilizados na diagramação ou se a diagramação não é coerente com o conteúdo da informação.

Por este motivo, a inserção na causa dos atingidos de Acauã foi o passo inicial para o embasamento deste produto midiático. A compreensão dos fatos que cercaram a história das comunidades atingidas definiram todo o layout da revista, assim como a produção jornalística.

9.1. A revista como uma ferramenta cidadã

Para a elaboração da Revista Acauã, realizou-se um estudo documental para uma maior aproximação com a luta dos atingidos por barragem. O conhecimento acumulado ao longo da pesquisa colaborou para a formação da equipe, enquanto jornalistas e cidadãos, e para a elaboração do produto. Para Cicilia M. Krohling Peruzzo (2007), o fazer jornalístico, quando carrega uma causa social, contribui para a compreensão de mundo de quem o pratica.

”Participando do processo de fazer rádio, jornal ou qualquer outra modalidade de comunicação comunitária, as pessoas vivenciam um processo educativo que contribui para a sua formação enquanto cidadãos. Passam a compreender melhor a realidade e o mundo que a cercam.” (PERUZZO, 2007, p. 83)

Pensar no papel que a Revista Acauã busca alcançar perante a sociedade, traz a idéia do papel social do jornalismo. Aliado aos movimentos sociais, o jornalismo pode facilitar o acesso da sociedade civil organizada aos verdadeiros fatos que cercam esta luta.

“Os meios comunitários, por estarem ao alcance do cidadão, no sentido da possibilidade de acesso (estão perto do ponto de vista territorial e têm o potencial de facilitar a participação do cidadão) se apresentam como uma grande oportunidade de dar aos canais de comunicação a dimensão social que possuem.” (PERUZZO, 2007, p. 89)

9.2. Como entender o Movimento dos Atingidos por Barragens

Por ser a Revista Acauã um veículo que busca apresentar à sociedade a história das comunidades atingidas pela Barragem de Acauã, que tiveram suas vidas desconstruídas por um desastre não apenas natural, mas causado pela interferência humana, a equipe dedicou-se, também, a entender as reivindicações e o funcionamento

dos movimentos sociais, mais especificamente, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Como fonte para esta pesquisa, utilizamos o portal oficial do MAB (www.mabnacional.org.br), dentre outros materiais, como artigos científicos, dossiês, cartas, gravações públicas e pesquisas fotográficas. Desses materiais pesquisados, podemos destacar o Caderno de Economia (Nº177, 2003) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), organizado pelo Prof. Fernando Garcia de Oliveira, que reúne três artigos científicos sobre a problemática “Atingidos de Acauã”; o artigo científico da Profª Adinari Moreira de Sousa, que retrata, basicamente, o processo de inserção dos Atingidos de Acauã na luta pelos seus direitos; e o documento intitulado “Dossiê Acauã” sobre a situação da população atingida (2004), que também acumula materiais produzidos sobre a problemática.

9.3. Atenção à causa ambiental

O papel do jornalismo ambiental diante de fatos que moldam o meio ambiente e a vida das pessoas, como foi o das comunidades atingidas pela Barragem de Acauã também foi estudado. Essa leitura foi fundamental para a elaboração de reportagens coerentes e que representassem a realidade.

“O jornalismo ambiental remete a uma abordagem holística dos assuntos do cotidiano, bastante sensível aos estragos causados por um modelo de desenvolvimento ‘ecologicamente predatório, socialmente perverso e socialmente injusto’, conforme aponta o Relatório Brasileiro para o Rio-92. É importante comunicar com clareza e objetividade o esgotamento de um modelo de civilização que depreda os recursos naturais não-renováveis com o único objetivo de assegurar os meios de produção e de consumo”.(TRIGUEIRO in MATOS, 2006, p. 24)

O modelo energético brasileiro, até os dias atuais, é pensado à serviço do lucro e em detrimento de recursos naturais e benefício para a população, como aconteceu no caso da barragem de Acauã. Esta é uma das bandeiras levantadas pelo MAB, a de

discutir um novo modelo energético, que esteja sob controle e à serviço do povo brasileiro.

10. Etapas da confecção do produto midiático

Após a decisão de produzir uma publicação impressa, alguns questionamentos surgiram e passaram a ser discutidos. O nome da publicação e a quantidade de páginas foram os primeiros.

Ao se falar do volume de tarefas, não havia dúvidas, sabia-se da responsabilidade de analisar os inúmeros documentos produzidos ao longo de dez anos e um acervo fotográfico com centenas de registros. Prosseguiu-se com a pesquisa, em busca de abordar com ética e cautela o delicado tema em questão.

A aproximação com o objeto de estudo se deu a partir de reuniões no departamento de Engenharia Agrícola da UFCG, na sede do Projeto Universidades Cidadãs, com o professor Fernando Garcia. As reuniões eram semanais.

Quando apresentamos o material reunido ao orientador professor Arão de Azevêdo, foi constatado que já havia material bibliográfico e histórico suficiente para realizar pesquisas em outras fontes, como a internet e relatórios oficiais. Em paralelo, o professor Fernando Garcia incubiu a bolsistas do curso de Arte e Mídia da UFCG, vinculados ao Projeto Universidades Cidadãs, a tarefa de pré-selecionar o acervo fotográfico, para que fosse repassado a equipe um material com maior precisão e relevância.

Com as pesquisas ainda em andamento, o projeto editorial da revista começou a ser esboçado e algumas metas foram definidas. A partir deste planejamento, foram definidos os próximos passos para a elaboração do produto. Ficou claro o que precisava ser feito, o que buscar e a quem buscar. O trabalho estava evoluindo e aproximando-se do objetivo de tornar pública a história de Acauã.

Então, o aprofundamento no embasamento teórico do produto se tornou intensivo, fichando livros indicados pelo orientador, sempre tentando-se encaixar a teoria à elaboração do produto.

Paralelamente a esta atividade, com o auxílio logístico do co-orientador, a equipe começou a agendar e entrevistar as principais lideranças que as comunidades atingidas de Acauã tiveram ao longo dos anos de luta. Foram conversas abertas e esclarecedoras, que trouxeram fatos novos, inclusive para quem acompanhou o caso desde o início, como o professor Fernando Garcia.

O projeto estava avançando, porém, a publicação ainda não tinha nome. Era consenso no grupo a procura por um termo que não gerasse dúvidas ao leitor sobre o intuito da publicação. Algo simples e objetivo. Não havia nada mais expressivo do que utilizar o nome popular da barragem Argemiro Figueiredo, "Acauã". Porém, ainda faltava uma frase para dar sustentação ao título principal e que tivesse o papel de "denunciar" o caráter conscientizador da publicação. Daí, surgiu "ACAUÃ - O outro lado do progresso". A frase poderia deixar o leitor pensativo, o convidando a mergulhar na leitura da Revista.

"O outro lado do progresso" refletiria também sobre a contradição do dito "progresso" que o represamento traria para a região. A Barragem de Acauã não pode ser considerada uma obra que trouxe progresso, devido ao fato de até hoje não servir para o seu propósito final. O "progresso" existiu apenas nas campanhas publicitárias do governo do estado.

Em relação ao projeto gráfico, alguns pontos nortearam a concepção do projeto. Entre eles, a sugestão do professor Arão de que fosse explorado o uso das fotografias no projeto, visto que, especialmente no campo do fotojornalismo, a imagem possui um forte poder de transmissão de informação.

"A relação entre a imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário." (SANTAELLA, 2008, p. 53). Assim, aplicando o conceito de Santaella, foram elaborados textos curtos, mas que conseguissem, acompanhados das legendas e das fotos, cumprir o papel informativo da Revista, que aliado a diagramação, tornaria o produto atraente e de fácil entendimento.

Pensando nisso, as cores aplicadas no produto foram delicadamente estudadas para fortalecer o sentimento abordado em cada matéria. As tarjas que abrigam os títulos, além de servirem para destacá-los, são diferenciadas por cores selecionadas de acordo com as sensações que cada assunto pretende transmitir ao leitor. "Estudos específicos demonstram que as cores transmitem sensações para as pessoas. Dessa forma, você

poderá utilizá-las como apoio na emissão da mensagem de seus trabalhos”. (HORIE, 2000, p. 41)

Por fim, a capa da publicação traz uma fotografia que retrata o título da matéria. A imagem escolhida mostra o cemitério de uma das comunidades atingidas, que não passou por exumação e que havia sido coberto pelas águas. Na foto é possível ver parte do cemitério devido a baixa no nível do reservatório.

A etapa final de construção da publicação também foi acompanhada pelo orientador, Arão de Azevêdo, o que foi fundamental em termos técnicos. A co-orientação do professor Fernando garantiu a correta contextualização das matérias.

11. CAPÍTULO 2 - PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

11.1. Descrição dos procedimentos (do planejamento às estratégias logísticas)

Em janeiro de 2011, em uma conversa com o professor do departamento de Engenharia Agrícola, da UFCG, Jógerson Pinto Gomes, houve à proximidade com o Projeto Universidades Cidadãs (PUC), que chegou à UFCG em 2006. Dentre as assessorias prestadas pelo PUC estava o caso dos Atingidos pela Barragem de Acauã. O PUC guarda muito material sobre os atingidos, além de um amplo acervo de fotografias, até então pouco utilizado. Existia a necessidade de divulgar esse material.

No início, cogitou-se a criação de um plano de comunicação on-line, que ofereceria, entre outras ações, a criação de um site para apresentar todo o problema gerado após a construção da Barragem de Acauã. O site estaria alinhado aos principais movimentos de atingidos por barragem do Brasil e compartilharia importantes documentos e o acervo fotográfico antes citado. Depois, percebeu-se que não seria viável, pela falta de pessoal para dar continuidade ao trabalho e, também, seria uma ferramenta inacessível às comunidades de atingidos de Acauã.

Em seguida, surgiu a idéia de se fazer um plano de assessoria de comunicação que pudesse ficar sendo executado pelos próprios membros da Associação dos Atingidos pela Barragem de Acauã (AABA), com um *mailing list*, instruções de como enviar release,

como se portar durante uma entrevista, como abordar a imprensa. Mas a idéia foi descartada por não dar uso a todo o material que eles já haviam produzido.

Foi então que, durante reunião de orientação no departamento de comunicação da UEPB, o orientador Arão de Azevêdo sugeriu que se produzisse um produto jornalístico que documentasse o fato de Acauã, mas que fosse de fácil conservação e de leitura agradável, para ser compreendido por todos, a ser distribuído estrategicamente. Assim, surgiu a idéia de elaborar uma revista, por este meio conter todas essas características.

Começou o trabalho de organizar materiais fotográficos, artigos científicos, gravações de audiências públicas, relatórios técnicos produzidos pelos mais diversos órgãos, petições públicas. Tudo que contasse o que havia acontecido até hoje com os atingidos pela Barragem de Acauã. Planejou-se ainda, fazer uma viagem até as comunidades atingidas, a qual acabou não sendo realizada, devido às fortes chuvas de junho de 2011, que deixaram as estradas de acesso às regiões intransitáveis.

A pesquisa procurou também apurar como as comunidades viviam antes do represamento e o que elas tinham de perspectivas de ações futuras. Para isso, com o auxílio do professor Fernando Garcia, foram realizadas três entrevistas com lideranças do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) das comunidades atingidas. Estas entrevistas foram fundamentais para o processo de produção das matérias, pois esclareceram dúvidas, trouxeram fatos novos e revelou à equipe a dor vivida por aquelas comunidades.

A partir daí, os encontros passaram a ter maior frequência, decidindo pautas, cores e fotografias a serem aplicadas à diagramação. Na escolha das fotos, percebeu-se que o material era bastante representativo, o que fez com que o professor Arão de Azevêdo tivesse a idéia de que se explorasse mais imagens que textos, criando, assim, um produto mais ilustrativo.

As tarefas foram divididas, começou-se a produção de matérias e a criação do layout. No desenvolver das matérias surgiam mais e mais fatos e percebeu-se que uma revista com 20 páginas, para contar um fato que vem desde 2002 em movimento constante, não engloba tudo que cercou a história dos atingidos pela Barragem de Acauã, mas poderia ser capaz de documentar, num produto jornalístico, com linguagem clara e direta, uma história que merece ser contada.

Pensou-se em buscar autorização para a impressão de uma tiragem de 500 exemplares, junto à UEPB, devido à importância social que a Revista teria, material com uma história rica e que precisaria ser divulgado. Havendo a possibilidade de uma tiragem maior, seria possível distribuir também entre as famílias atingidas.

Quando todas as matérias foram escritas o professor Arão avaliou o material produzido, dando suas contribuições e verificando a coerência dos textos quanto a narrativa cronológica e aos dados apresentados, já que as fontes utilizadas foram documentos oficiais com algumas informações divergentes, que tiveram que ser alinhadas, através do encontro das informações.

A Revista Acauã foi finalizada. O professor Arão, então, orientou a equipe a só imprimir uma tiragem após a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e da avaliação da banca examinadora. Como é uma Revista que busca documentar uma história e que será apresentada pelas lideranças do MAB-PB em encontros e audiências, não poderia conter erros.

Planejou-se assim lançá-la no mês de janeiro de 2012, com a devida divulgação na imprensa, para maior visibilidade da problemática Acauã, que continua viva. Durante o lançamento, será feita a devida distribuição, gratuita e dirigida, que venha a possibilitar a ampliação da informação e o despertar das ações públicas em prol das comunidades atingidas pela Barragem de Acauã.

12. Considerações Finais

A Revista Acauã proporcionou uma experiência única e aprimorada para a carreira jornalística da equipe, fazendo-a mergulhar em estudos diversos, entender relatórios técnicos, compreender como funciona as lutas dos movimentos sociais e, principalmente, pôr em prática o lado cidadão do jornalismo.

A possibilidade de desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso em grupo propiciou uma aproximação com as rotinas diárias de produção de um produto jornalístico e foi fundamental para a compreensão da responsabilidade que a Revista Acauã carrega. Segundo Peruzzo (2007), as pessoas quando trabalham na produção de um jornalismo voltado para o estímulo à cidadania,

“Aprendem também a trabalhar em grupo e a respeitar as opiniões dos outros, aumentam seus conhecimentos técnicos, filosóficos, históricos e legais, ampliam a consciência de seus direitos.”
(PERUZZO, 2007, p. 84)

Considera-se que, trabalhar com o veículo de comunicação “revista” amplia as possibilidades de atração do leitor, pela diagramação e pela possibilidade de explorar imagens e cores. A leitura pode se tornar agradável, a compreensão é mais fácil e o assunto é melhor explanado, devido a possibilidade do uso de um tema especializado, como é a Revista Acauã.

Entende-se a importância de um trabalho prático como este, pela aproximação da realidade da carreira jornalística e, especialmente, por sensibilizar quanto a oportunidade de, sempre que possível, dar ao jornalismo, seja de TV, rádio, impresso ou web, a dimensão social que ele possui.

Mais do que um produto de Trabalho de Conclusão de Curso, a Revista Acauã foi uma experiência de vida e profissional para a equipe, pois a partir de sua produção descobriu-se histórias, trocou-se experiências, venceu-se desafios e despertou-se para o potencial de cada um, em organizar o tempo e cumprir metas.

Espera-se, enfim, que a Revista Acauã, chegando à sociedade e à imprensa, estimule mais publicações como esta, ajudando na divulgação da luta pelos direitos que foram violados com a construção da Barragem de Acauã. Chegando aos políticos, que este trabalho desperte ações, para solucionar a problemática que, até hoje, não foi resolvida.

Referências

COLLARO, Antônio Celso. **Projeto Gráfico: Teoria e Prática da Diagramação**. São Paulo: Summus, 2006.

Dossiê sobre a situação da população atingida (mimeo) Campina Grande, Fev. 2004.

HORIE, Ricardo Minoru; PEREIRA, Ricardo Pagemaker. **300 superdicas de editoração, design e artes gráficas**. 5 ed. São Paulo: 2000.

OLIVERIA, Garcia Fernando. **Assessoria aos atingidos pela Barragem de Acauã, PB**. Série Debates, nº 177, Cadernos de Economia. UFCG, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. In PAIVA, Raquel (org). Comunidade Aplicada. In **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Prefácio: Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

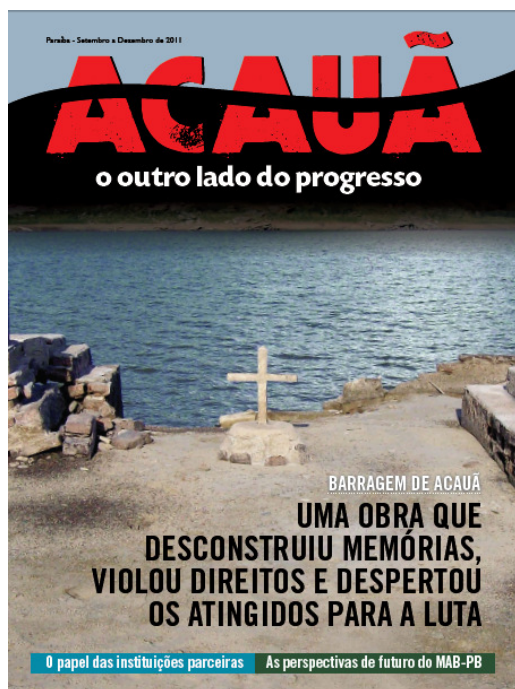
SANTAELLA, Lucia. NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1.ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SOUSA, Adinari Moreira. **Os atingidos pela Barragem de Acauã no estado da Paraíba e sua inserção político-pedagógica no movimento de luta por direitos sociais**. Artigo apresentado na III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luiz, 2007.

TRIGUEIRO, André. in MATOS, Maria Lúcia Gomes de. **Entrevistas que fazem pensar: idéias e resultados**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

APÊNDICES

Apêndice 1 (capa)



Apêndice 2 (contracapa)



Apêndice 3

Expediente

ACAUA
o outro lado do progresso

Esta publicação é fruto de um trabalho de articulação do grupo de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba.

TIAGEM
SOD exemplares

DISTRIBUIÇÃO
Gráfica Universitária-2076

DISTRIBUIÇÃO
Gratuita e dirigida

Editores
Analice Miná | Marçal Targino | Isabelle Montenegro

Reportagens
Analice Miná | Isabelle Montenegro

Projeto Gráfico / Diagramação
Marçal Targino

Fotografia
Fernando Garcia | Arquivo (ENGO/Consulplan) | Blog do Planalto

Colaboradores
Fernando Garcia | Jorgeson Pinto | Oivaldo Bernardo
Abel Francisco | Edvaldo de Brito

Orientador
Aldo de Azevedo

Co-orientador
Fernando Garcia de Oliveira

Editorial

Atualmente os movimentos sociais ganham cada vez mais força, estes grupos estão cada vez mais bem organizados e reivindicados sobre seus direitos. Isso tem mudado a forma muitas vezes preconceituosa com que eram vistos. A aproximação desses grupos com a Universidade seja através de projetos de Extensão, pesquisas ou em trabalhos acadêmicos realça esse tema. Como exemplo podemos citar as manifestações contra a construção da Usina de Belo Monte que ganhou notoriedade mundial através de organizações e movimentos sociais e das redes sociais.

Fomos apresentados ao assunto Barragem de Acauá pelos professores coordenadores do Projeto Universidades Cidades (PUC), desenvolvido pela UPCC, em parceria com o Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida (Coep).

Após seis meses de pesquisa e interação com representantes de oito comunidades do semi-árido paraibano, temos consciência de que a Revista Acauá revelará as diversas faces que envolve a construção de uma barragem, trazendo aos Atingidos de Acauá uma perspectiva de sua luta e expondo à sociedade paraibana uma realidade, bastante comum ním país que nos últimos 40 anos construiu mais de 2 mil barragens e atingiu cerca de um milhão pessoas.

Convidamos Você, a conhecer o papel das Universidades públicas, responsáveis pela formação de profissionais e por contribuir com o debate e a ajuda aos movimentos sociais que dão voz aos desfavorecidos, e refletir sobre o modelo energético brasileiro, bastante nocivo para muitos setores da população, para o meio ambiente e gerador de um duro e crescente processo de criminalização e de repressão através do braço do Estado.

Bos Leitural

Sumário

04 A BARRAGEM	14 A UNIÃO FAZ A FORÇA
05 A VIDA COMO ERA ANTES	16 "AGROVILAS"
06 DESCASO NA CONSTRUÇÃO	18 A LUTA NÃO ACABOU
08 APOIO E PARCERIAS	19 CARTA DE PE. RÔMULO
10 ESTADO DE CALAMIDADE	



Apêndice 4

04 | Paraíba, 2011

BARRAGEM DE ACAUÃ

Com o objetivo de abastecer as cidades de Aroeiras, Fogundes, Ingá, Itabaiana, Itatiba, Mogelro, Pilar, Salgado de São Félix e São Miguel de Taipu, além de reforçar o sistema de abastecimento dos municípios de Campina Grande, Boqueirão, Quilombadas e Catolé, foi inaugurada em 2002 a Barragem Açuarão Pigelevedo, mais conhecida como Barragem de Acauã, localizada nas divisas dos municípios de Aroeiras, Itatiba e Natuba, pertencentes ao Estado da Paraíba.

A barragem afetou diretamente a vida de 5000 pessoas, cerca de 900 famílias moradores das comunidades de Cajá, Melancia (Itatiba/PB), Costa, Água Paba (Natuba/PB), Pedro Velho, Cafundó, Riachão (Aroeiras/PB) e Junco. Preocupados com essas mudanças os moradores se uniram para cobrar providências, lutando pelos seus direitos.

Inauguração: 2002 | Área: 2.900 hectares | Capacidade: 253.000.000m³ | Recurso total: R\$ 55 milhões (90% Governo Federal e 10% Governo Paraíba)

Localização

Comunidades atingidas

PEDRO VELHO População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	CAJÁ População: 110 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	MELANCIA População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	COSTA População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO
ÁGUA PABA População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	RIACHÃO População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	JUNCO População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO	ITABA GRANDE População: 100 casas Coordenadas: 7.840000 W, 36.840000 S ATENÇÃO: SAÚDE, EDUCAÇÃO

As comunidades atingidas indiretamente foram prejudicadas principalmente pela eliminação de rotas de acesso, o que inviabilizou o comércio entre algumas comunidades e também alongou o caminho até municípios importantes. Algumas comunidades também tiveram parte do território coberto pelas águas, o que trouxe dificuldades na agricultura e pecuária.

Paraíba, 2011

A VIDA COMO ERA ANTES

Tudo de futebol formado por moradores das comunidades.

Igreja em Pedro Velho

Pedro Velho, Cafundó, Riachão, Cajá, Melancia, Costa, Água Paba e Junco são comunidades pertencentes aos municípios de Aroeiras, Itatiba e Natuba respectivamente. Estas comunidades, antes do início das obras da Barragem de Acauã, tinham uma estrutura socialmente organizada. As famílias possuíam terra, acesso à água potável e energia elétrica, além de desenvolverem atividades agrícolas e criação de animais.

“ Todos viviam às margens do rio, o que lhes proporcionava condições especiais de sobrevivência numa região semi-árida. Era como se vivêssemos num oásis. ”

Abel da Andrade, Pedro Velho/PB

A população tinha um modo de vida simples, mas adequado à região onde viviam. Desfrutavam de uma economia de subsistência e fonte de renda gerada pela atividade comercial mantida com as comunidades e cidades circunvizinhas. Possuíam uma vida social equilibrada, com opções de lazer, religião, educação, além de acesso a serviços públicos básicos.

Apêndice 5

06 | Paraíba, 2011

A vida como era antes

Paisagem com sinais de impacto

“ Eu plantava, plantava fava, tinha cerca, tinha gado e o curral do meu gado. A minha casa tinha quatro cômodos, duas áreas, uma atrás e outra na frente e tá tudo embaixo d'água. ”

Renato - cidadão colhido de depoimento feito durante Assembleia de Escravos em 2002

Vista de rua em Pedro Velho

Criação de gado em Catolé

Agricultores de Sabará

Paraíba, 2011

DESCASO NA CONSTRUÇÃO

A construção da Barragem de Acauã foi iniciada em 14 de Junho de 1999, sob o governo de José Targino Maranhão. O custo total da obra do reservatório foi orçado em aproximadamente R\$ 55 milhões, sendo 90% financiado pelo Governo Federal e 10% pelo Governo da Paraíba.

O Governo do estado declarava que a Barragem traria o progresso e diminuiria significativamente o problema da seca na Paraíba. Em contrapartida, os relatórios produzidos pelos órgãos competentes apontavam o perigo da obra.

Segundo o Estudo de Impacto Ambiental (EIA-RIMA), concluído pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (SUDEMA) em 1999, os impactos negativos gerados superavam os possíveis benefícios trazidos por ela.

O Ministério da Integração Nacional, por meio de um relatório elaborado em 2004 pelo doutor em engenharia Flavio da Gouveia, também demonstrou sua preocupação com as situações irregulares estruturais da obra, além do descaso com as condições dos assentamentos dos atingidos.

Mesmo diante destes fatos, a barragem foi construída. Em busca do progresso, a construção atropelou relatórios e laudos técnicos sobre a sua inviabilidade e descontrolou a vida de pessoas que foram ignoradas quanto a seus direitos.

O projeto original da Barragem de Acauã previa medidas de proteção socioambiental, para minimizar os impactos negativos gerados pela obra. Entre eles, o reassentamento da população atingida através do manejo da fauna, a relocação de cemitérios, a relocação de infra-estrutura de uso público, a criação e monitoramento da faixa de proteção do lago, projetos produtivos que dessem continuidade à vida econômica de quem vivia da agricultura e o esgotamento sanitário das cidades ribeirinhas como Aroeiras, Natuba e Umbuzeiro.

Com a publicação do Decreto Lei Nº 20.875 de 09 de Junho de 2000, que determinou a desapropriação das áreas que irão ser inundadas, as comunidades que viviam às margens da região onde seria feita o barramento foram obrigadas a se realocarem, sem nenhum reassentamento do que estavam deixando para trás.

As comunidades ribeirinhas não receberam informações oficiais sobre qual destino teriam suas vidas, seus costumes, suas memórias e bens materiais. As visitas de representantes do Governo eram superficiais.

“ Ninguém procurou pra (sic) saber se a gente era cristão ou era bicho. Nunca ninguém chegou em minha casa para negociar o que é que você tem? O que é que você precisa? ”

Dora Joséli, Pedro Velho/PB

Eravam feitas medições básicas das residências, mas nunca foram estudados os demais bens materiais dos que viviam nas áreas que seriam atingidas. Não se calculou o prejuízo quanto a criações de animais, plantações ou infra-estrutura das comunidades. A apuração era mínima.

Nenhuma das medidas que reduziram os impactos negativos sobre as vidas dos atingidos foi tomada. O descaso existe até hoje. E o progresso não chegou.

“ Causa uma certa preocupação, entretanto, o fato de projetos dessa natureza apresentarem, em contrapartida a uma ampla dispersão de benefícios econômicos e sociais decorrentes de seus usos, uma concentração espacial dos impactos negativos. Com efeito, o reassentamento de um número expressivo de famílias constitui impacto localizado significativo, o qual de perdendo a efetivação das medidas a serem tomadas, no projeto de reassentamento, para minimização e reparação dos transtornos causados à população atingida, poderá constituir foco de divisões quanto ao mérito do empreendimento. ”

(Conclusão do EIA)

Apêndice 6

08
Paraíba, 2011
Paraíba, 2011
Paraíba, 2011

APOIO E PARCERIAS



Cultura da saúde é organização dos moradores

Os moradores das comunidades ribeirinhas da Barragem de Acatú se uniram na luta pelos seus direitos, quando perceberam o descaso com que estavam sendo tratados.

O primeiro passo foi tomado por Edvaldo, Osvaldo, Abel e Iran, moradores da comunidade de Pedro Velho em Aroeiras/PB. Eles procuraram o Padre Rômulo Remigio Viana, então pároco dos municípios de Aroeiras, Itatuba e Natuba (PB), em busca de ajuda para escrever um ofício às autoridades. Este foi o primeiro ato de mobilização da comunidade. A partir daí, vários outros contatos foram feitos.

Entre esses contatos, um de grande destaque foi a procura pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que através do trabalho de professores e alunos, prestou apoio técnico e assessoria técnica aos atingidos pela Barragem de Acatú a partir de fevereiro de 2002. A partir de 2006, com a implantação na UFCG do projeto Universidades Cidades a assessoria ficou mais dedicada, orientando os atingidos no processo de mobilização e organização e ministrando cursos e oficinas nas comunidades, em parceria com outros órgãos e movimentos. Estes contatos

também proporcionaram a abertura de linhas de crédito rural, fato importante para a reestruturação de algumas famílias.

Foi através desta assessoria que surgiu o primeiro contato com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que se organiza nacionalmente contra a construção de barragens e pela luta em busca dos direitos das comunidades atingidas.

Em dezembro de 2007, por iniciativa do MAB, com o apoio do projeto Universidades Cidades, foi realizado na comunidade de Pedro Velho o primeiro encontro dos atingidos pela barragem de Acatú. Este foi o primeiro momento em que representantes de todas as comunidades atingidas estiveram reunidas e também o marco da inserção do caso pararábano no mapa do Brasil.

“O papel da Universidade foi o de apoiar em todos os sentidos, inclusive financeiramente e ajudando na papela da (sic.)”

Edvaldo de Brito Trajano, Pedro Velho/PB



Coleta de impressões em oficina com moradores



Edvaldo de Brito Trajano, 40 anos, natural de Pedro Velho, casado, uma filha, graduado em História, fez em especialização em filosofia, é policial reformado.

Costuma dizer que a luta é o único instrumento que faz valer o direito do povo e acredita que as novas gerações podem continuar a luta até o reconhecimento dos direitos dos atingidos pela Barragem de Acatú.



Distribuição de cestas básicas



Pequeno MAB com moradores



Oficina empoderadora

Apêndice 7

10
Paraíba, 2011
Paraíba, 2011
Estado de calamidade 11

ESTADO DE CALAMIDADE



Últimas tentativas de salvar bens



O início do ano de 2004 foi marcado pelas fortes chuvas e grandes desastres na Paraíba. Os moradores ribeirinhos, que viviam nas proximidades da Barragem de Acatú foram especialmente atingidos.

As águas inundaram oito povoados (Cajá, Melancia (Itatuba/PB), Costa, Água Paba (Natuba/PB), Pedro Velho, Cafundó, Riachão (Aroeiras/PB), e Junco) e forçaram a retirada urgente de 900 famílias que, apesar da tentativa desesperada de salvar seus pertences em caminhões e carroças de mão, sem chance de escolha, foram morar em escolas públicas sem as menores condições de moradia.

Segundo previsões meteorológicas a Barragem de Acatú só iria alcançar sua capacidade total 10 anos após sua construção, ou seja, em 2019. Em dezembro de 2003 a barragem possuía apenas 5% de sua capacidade e com as chuvas de Janeiro de 2004, em 16 dias Acatú atingiu 100% de sua capacidade, chegando a apresentar uma lâmina de vertimento de aproximadamente 2 metros.